



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



RETRATO ATUAL DA AGRICULTURA FAMILIAR E PATRONAL NA CIDADE DE UNAÍ/MG

**FABRICIO OLIVEIRA LEITÃO; MARLON VINÍCIUS
BRISOLA; SÉRGIO JOSÉ COSTA;**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

BRASÍLIA - DF - BRASIL

fabriciofol@hotmail.com

APRESENTAÇÃO ORAL

Agricultura Familiar e Ruralidade

Retrato Atual da Agricultura Familiar e Patronal na Cidade de Unaí/MG

Resumo

As agriculturas familiar e patronal se distinguem em algumas formas, tornando interessante seu entendimento em separado para melhor formulação de políticas públicas. Este estudo tomou como ponto de partida o trabalho feito por Guanziroli e sua equipe em 2001, demandado pela FAO/INCRA, quando fizeram uma distinção da agricultura familiar e patronal no Brasil. O presente trabalho foi realizado na cidade de Unaí/MG, junto a 1.067 produtores rurais, tendo como objetivo saber quais desses produtores estão inseridos na agricultura familiar e quais são da agricultura patronal, e a partir daí fazer comparações sobre o nível cultural e educacional; o nível gerencial; como se dá a administração familiar e o processo sucessório; a relação de trabalho com seus funcionários; suas formas de captação de recursos financeiros; e sua estrutura ambiental. Também foram feitas algumas comparações sobre o que foi encontrado nos estudos de Guanziroli com o presente trabalho, correlacionando o tamanho da propriedade, acesso a terra, uso de energia elétrica, assistência técnica, dentre outros. Através do resultado da pesquisa de campo, uma das questões que chamaram maior atenção foi saber que os produtores rurais, tanto patronais quanto familiares, desejam que seu trabalho continue na família, mas isso na realidade não está acontecendo, nem há perspectivas de melhoras no futuro.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Palavras-chave: retrato atual - agricultura familiar – agricultura patronal

Current Picture of Familiar and Paternal Agriculture in the Unaí/MG City

Abstract

Familiar and paternal agriculture if separately distinguishes in some forms, becoming interesting its knowledge for better formularization of public politics. This study the work made for Guanziroli took as starting point and its team in 2001 demanded by the FAO/INCRA, when they had made a distinction of familiar and paternal agriculture in Brazil. The present work was carried through in the city of together Unaí/MG the 1,067 agricultural producers having had as objective to know which of these producers they are inserted in familiar agriculture and which are of paternal agriculture and from making comparisons of both there on the cultural and educational level; the managemental level; as one gives to the familiar administration and the successory process; the relation of work with its employees; its forms of capitation of financial resources; e its ambient structure. Also it was made some comparisons of that it was found in the studies of Guanziroli with the present work, correlating the size of the property, access the land, use of electric energy, assistance technique, amongst others. Through the result of the field research, one of the questions that had called greater attention was to know that the agricultural, in such a way paternal how much familiar producers they desire that its work continues in the family, but this in the reality is not happening, nor has perspectives of improvements in the future.

Keywords: current picture- familiar agriculture - paternal agriculture

1. INTRODUÇÃO

As agriculturas familiar e patronal representam segmentos importantes para a economia do país e de cada região em particular.

Unaí/MG, onde foi desenvolvido o estudo, é um município fortemente voltado para a agricultura e pecuária, sendo destas duas sua maior fonte de renda. Possui também o maior PIB agropecuário do Estado de Minas Gerais (MINAS EM REVISTA, 2004).

Para tanto, se pretende a partir desse trabalho, desenvolver um retrato da agricultura familiar e patronal, fazendo uma comparação dessas duas formas de organização com os dados da FAO/INCRA produzidos por Guanziroli e sua equipe, em 2001. Para tanto, o trabalho pretenderá conhecer o nível cultural e educacional dos produtores; o nível gerencial; como se dá a administração familiar e o processo sucessório; a relação de trabalho com seus funcionários; suas formas de captação de recursos; e sua estrutura ambiental.

Entende-se como nível cultural aos princípios herdados que influenciam em sua atividade produtiva, representações ideológicas e sua capacidade de se adaptar ou tolerar mudanças ambientais. Nível cultural representa ainda a aptidão dos produtores (e familiares) na assimilação de conceitos e técnicas alternativas de produção,



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



posicionamentos gerenciais, controle contábil e gestão ambiental. Conhecer o nível gerencial é importante para se estabelecer diretrizes técnicas e gerenciais às propriedades e a culturas alternativas.

Buscou-se conhecer, através da abordagem da administração familiar, compreender o seu arranjo, como se desenvolve a tomada de decisão e como se estabelece o processo sucessório.

Pretendeu-se conhecer como se estabelece a relação de trabalho entre produtor e colaboradores (familiares ou não).

Coube analisar ainda se os produtores utilizam fontes de recursos financeiros externas para a gestão de sua propriedade.

Sobre a estrutura ambiental, pretendeu-se saber a disponibilidade de recursos hídricos, a fertilidade do solo, a utilização de recursos renováveis, e a destinação de dejetos. Tal variável vai de encontro com os princípios de desenvolvimento sustentável, necessários ao bom desenvolvimento de qualquer projeto que se possa desenvolver posteriormente.

É importante ressaltar que esses dados são do ano de 2006 e 2007, coletados junto a produtores associados a Cooperativas do Município em estudo.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi apoiado em um diagnóstico sócio-econômico dos produtores rurais de Unaí/MG e região. Tal pesquisa foi encomendada por três Cooperativas situadas em Unaí/MG, que recebem leite ou grãos de seus associados.

Foram contatados cerca de 75% dos cooperados, finalizando como um número de 1.067 produtores entrevistados no seu total.

Assim sendo, buscou-se através dos dados coletados junto a esses produtores, fazer o retrato da agricultura familiar e patronal da cidade de Unaí/MG. Por fim, foi feita uma separação dos agricultores que se enquadravam como familiares e os que se enquadravam como patronais. Para fazer essa separação, utilizou-se a mesma metodologia da pesquisa da FAO/INCRA feita por Guanziroli e sua equipe.

Segundo Guanziroli *et al.* (2001b) para que seja caracterizado como agricultura familiar, a direção do trabalho dos estabelecimentos deve ser exercida pelo próprio produtor, sendo que trabalho familiar deve ser superior ao contratado e a área máxima não pode ultrapassar a área de corte regional, que, para a região Sudeste, é de 384 hectares.

O primeiro passo foi então separar todas as propriedades que possuíam um número de até 384 hectares para começar a fazer a distinção entre produtores de agricultura familiar e patronal.

Através de uma pergunta específica feita aos produtores se pôde saber se a direção dos trabalhos dos estabelecimentos era do próprio produtor ou não.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



O terceiro quesito foi saber se a Unidade de Trabalho Familiar (UTF) era superior à Unidade de Trabalho Contratada (UTC). Segundo Guanzioli *et al.* (2001b) no que se refere à determinação da quantidade de trabalho, tanto familiar quanto contratado, o ideal seria que se pudesse determinar o número de homens-hora trabalhado, de modo a definir com maior exatidão a efetiva carga de trabalho de cada uma das categorias de trabalhadores. Assim, como na metodologia usada por Guanzioli, considerou-se como tempo integral o trabalho do responsável pelo estabelecimento e dos membros não remunerados com 14 ou mais anos de idade, e computou-se pela metade o pessoal ocupado da família com menos de 14 anos de idade. Segundo Guanzioli *et al.* (2001b), essa divisão é feita para evitar a superestimação do trabalho familiar, não apenas em virtude de sua menor capacidade de trabalho, mas também pela possibilidade de envolvimento com outras atividades, como, por exemplo, as escolares. Assim, calculou-se o número de UTC (Unidades de Trabalho Contratado) por estabelecimento/ano, sendo a soma do número de pessoas ocupadas da família com 14 anos, e mais a metade do número de pessoas ocupadas da família com menos de 14 anos.

Segundo Guanzioli *et al.* (2001b), para calcular o trabalho contratado, é preciso levantar o valor total das despesas com mão-de-obra contratada, somando o valor das despesas com pagamento (em dinheiro ou em produtos) da mão-de-obra assalariada (permanente ou temporária); valor das despesas com o pagamento efetuado a parceiros empregados, e valor das despesas com pagamento de serviços de empreitada com fornecimento só de mão-de-obra.

Para o levantamento destes dados no presente trabalho, foi perguntado ao produtor se ele possui parceiros na produção, e se possui, quanto ele paga para ter esse parceiro em um período de um ano. Foi perguntado também qual o valor médio pago em um ano com despesas temporárias e permanentes com mão-de-obra, mesmo sendo esse um valor pago em produtos produzidos pela fazenda.

Assim sendo, e dando seqüência à metodologia proposta por Guanrizoli, depois de levantados esses valores, calculou-se o valor médio anual de um empregado no meio rural, mediante a multiplicação do valor da diária média estadual de um trabalhador rural pelo número de dias úteis trabalhados no ano (calculado em 260). Esse valor para Minas Gerais é de R\$ 6,18 (GUANZIROLI, *et al.* 2001b).

Por fim, para determinar o número de Unidades de Trabalho Contratado (UTC), por estabelecimento/ano, fez-se a divisão proposta por Guanzioli, pelo valor total das despesas com mão-de-obra contratada pelo valor do custo médio anual de um empregado no meio rural. Depois de conhecido o valor do trabalho contratado de cada unidade familiar, buscou-se analisar produtor por produtor para fazer a separação entre agricultura familiar da patronal.

Feito isso, conseguiu-se chegar à definição de quem era agricultor familiar e quem era patronal, sendo que dos 1.067 produtores entrevistados nessa pesquisa, 624 são familiares e 443 patronais.

Os dados foram coletados na cidade onde os produtores residem, sendo feita visitas na residência de cada associado. Para melhor entendimento dos dados coletados também foi feita uma revisão de literatura junto a autores que abordam o tema das



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



agriculturas familiar e patronal, para fazer comparações com o que foi encontrado na presente pesquisa.

Após coletados os dados, eles foram lançados no software SPSS (*Statistical Package of Social Science*), versão 11.0 for Windows e analisados posteriormente. Por meio desse programa foi possível fazer alguns cruzamentos de dados para melhores inferências da realidade das agriculturas familiar e patronal em Unaí/MG.

A análise e discussão dos resultados foram agrupadas a partir das respostas apresentadas para cada questão

3. REVISÃO DA LITERATURA

As agriculturas familiar e patronal são formas distintas de organizações que devem ser mais bem analisadas para melhor interpretação e formulação de estratégias e políticas públicas para cada setor em separado.

Segundo Guanzirolí *et al.* (2001a, p.16,) “os agricultores familiares são sensíveis aos estímulos de mercado, absorvem tecnologia moderna e produzem eficientemente podendo, portanto, produzir alimentos e matérias-primas em quantidade e qualidade requeridas pela expansão do setor urbano-industrial”. Diante de suas palavras, é interessante saber se isso realmente está acontecendo na agricultura familiar em Unaí/MG.

Para Biswanger (*apud* GUANZIROLI, *et al.* 2001a), tantos os países comunistas como as economias de mercado, pagaram um preço muito alto por terem adotado estratégias de crescimento baseadas na crença da superioridade da grande produção agrícola e na inviabilidade da produção familiar. Guanzirolí *et al.* (2001a) dizem que não é preciso que se façam altos investimentos na agricultura familiar para que essa seja competitiva. Segundo esses autores, com técnicas modernas, mas relativamente mais intensivas no uso do fator abundante (o trabalho), o agricultor familiar é capaz de gerar uma renda líquida superior ao custo de oportunidade de seu trabalho. As palavras desses autores são relevantes, pelo fato de que o Brasil também adotou ao longo dos anos estratégias voltadas para a agricultura patronal, por isso, é relevante mostrar no presente trabalho se a agricultura familiar realmente consegue fazer frente à agricultura patronal, ou não.

Esses mesmos autores ainda dizem que sistemas complexos, ecologicamente equilibrados, só são viáveis economicamente, se operados com base no trabalho familiar (GUANZIROLI, *et al.* 2001a).

Bianchini (2005) também relata que mais que dispor de um preciso conceito de agricultura familiar, é necessário trabalhar na identificação e construção de saberes ecológicos, agrônômicos, econômicos e sociais que nos permite, de forma participativa, desenvolver processos toleráveis de exploração da natureza e compatíveis com as exigências de reprodução social das comunidades locais. Este autor diz ainda que as políticas públicas favoreceram um modelo de agricultura não sustentável, do ponto de vista econômico, social, cultural e ambiental, beneficiando a agricultura patronal em detrimento da familiar, e que a saída para o desenvolvimento sustentável seria políticas



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



voltadas para a agricultura familiar mais adaptáveis ao novo paradigma que está emergindo.

Segundo Guanziroli *et al.* (2001a, p.41) “com um mínimo de apoio creditício e de assistência técnica, o que é mais importante para o sucesso, é a organização dos produtores que reduz os custos de transação e cria um ambiente de confiança que permite novos modos de inserção social”. Vale ressaltar nessa presente pesquisa como os agricultores, principalmente os familiares estão tendo acesso ao crédito.

Wanderley (1999) diz que para além da garantia da sobrevivência no presente, as relações no interior da família camponesa tem como referência o horizonte das gerações, isto é, um projeto para o futuro. A família define estratégias que visam, ao mesmo tempo, assegurar sua sobrevivência imediata e garantir a reprodução das gerações subsequentes. Por isso vale identificar se está havendo algum tipo de processo sucessório entre os agricultores, bem como desvendar se esse processo se dará ou não ao longo dos anos.

O eixo central da teoria de Chayanov¹ consiste na afirmação de que a unidade de produção familiar na agricultura é regida por certos princípios gerais de funcionamento interno, que a tornam diferente da unidade de produção capitalista. Estes princípios derivam de que, ao contrário da empresa capitalista propriamente dita, a empresa familiar não se organiza sobre a base da extração e apropriação de trabalho alheio, de mais valia. Considerando o que a autora disse sobre a agricultura familiar, possuir formas de funcionamento interno distintas da patronal (unidade de produção capitalista) vale entender se isso realmente está acontecendo ou não na cidade de Unai/MG.

Para Nazareth (1989), a agricultura familiar está longe de ser fadada ao desaparecimento, devendo para isso absorver e realizar progressos. Diante das palavras dessa autora, se torna cada vez mais patente o melhor entendimento dessas para uma análise mais detalhada.

Um dos autores que se mostra preocupado com a concentração de terras no Brasil é Holanda (2001), criticando esse fenômeno em detrimento de um melhor desenvolvimento que nosso país poderia ter tido se as terras tivessem sido mais bem distribuídas. Para ele, são fatores negativos regiões onde houve maior concentração de terra e desenvolveram grandes latifúndios. Vale constatar se isso ainda é predominante nessa região ou se a concentração de terras não é tão grande assim.

Outro assunto relevante nesse contexto é quanto à pluriatividade. Schneider (2005) a caracteriza pela combinação das múltiplas inserções ocupacionais das pessoas que pertencem a uma mesma família, e sua emergência ocorre em situações em que os membros que compõem as famílias domiciliadas nos espaços rurais combinam a atividade agrícola com outras formas de ocupação em atividades não-agrícolas. Para ele, a pluriatividade pode ser observada com maior proeminência entre os agricultores familiares, especialmente naquelas regiões onde essa forma social possui uma história de ocupação do espaço do território. Vale questionar se a pluriatividade está prevalecendo ou não na agricultura familiar de Unai/MG.

¹ Autor que deu grandes contribuições para o melhor entendimento do que acontece no interior da agricultura familiar.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados encontrados são descritos a partir do perfil dos produtores analisados. Quanto ao número de filhos de cada um desses segmentos, pôde ser observado que a maioria das famílias, tanto de agricultores patronais como de familiares, não excedem a quatro filhos, tendo a agricultura familiar uma média pouco superior à patronal.

Quanto ao local de residência, observou-se que há uma prevalência dos agricultores familiares que residem na zona rural (68,11%) contra 39,95% dos agricultores patronais, como mostra na Figura 01.

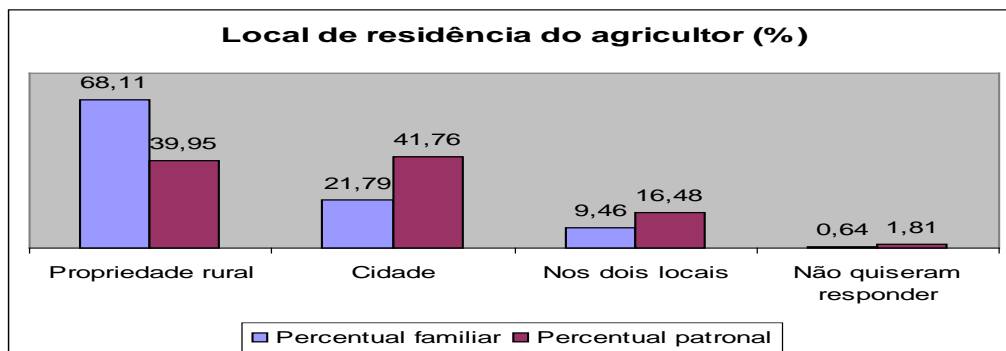


Figura 01: Local de residência do agricultor

Para saber se afirmativa de Scheider (2005) é pertinente ao achado na presente pesquisa, quando ele diz que a agricultura familiar é mais pluriativa do que a patronal, foi analisada a questão seguinte, onde pode ser observado que realmente há uma maior proeminência de agricultores familiares pertencentes à agricultura pluriativa, do que agricultores patronais, (Figura 02). Não que essa seja uma resposta que consiga responder totalmente a essa questão, mas as respostas dos produtores já dão indícios de que a afirmação desse autor possa ser pertinente.

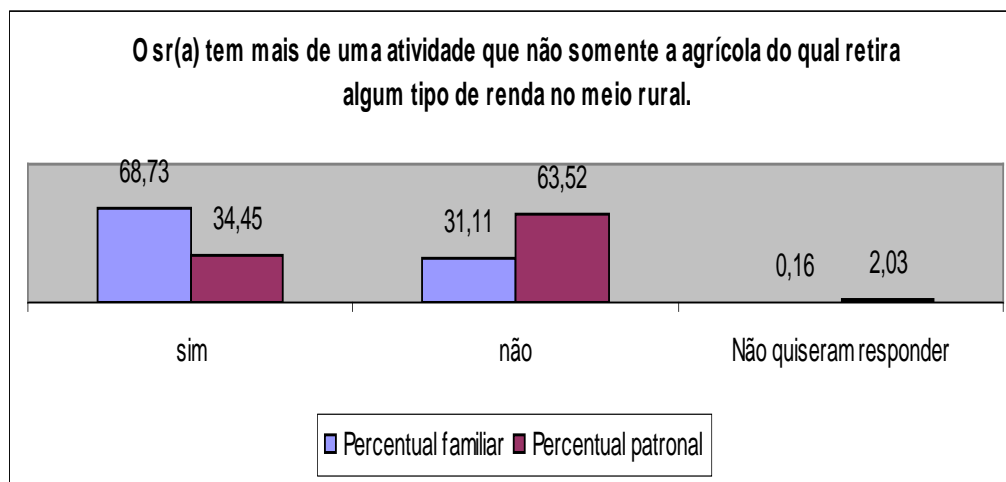


Figura 02: Pluriatividade do produtor rural

Para comparação com a pesquisa de Guanziroli *et al.* (2001b), as próximas Tabelas mostram a diferença entre o que foi observado nos dados desse autor e o que foi encontrado na presente pesquisa. Vale ressaltar que a presente pesquisa foi realizada no período de julho de 2006 a janeiro de 2007, e que todos os produtores são associados a uma Cooperativa.

Primeiramente, foi constatado que o número de agricultores familiares no Município de Unaí/MG é menor do que a média nacional, mas a área de suas propriedades, em comparação à patronal é superior a média nacional, como mostram as Tabelas 01 e 02, a seguir.

Tabela 01: Número de estabelecimentos e área da agricultura familiar e patronal em Unaí/MG

UNAÍ/MG	Número de Estabelecimentos	% dos Estabelecimentos	Área (mil ha)	Área(%)
Familiar	624	58,48	40.826,0	11,24
Patronal	443	41,52	322.526,9	88,76
Total	1067	100,00	363.352,9	100,00

Tabela 02: Número de estabelecimentos e área da agricultura familiar e patronal no Brasil

BRASIL	% dos Estabelecimentos	Área(%)
Familiar	85,20	30,50
Patronal	11,40	67,90
Outros	3,50	1,70

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

Total	100,00	100,00
-------	--------	--------

A área média das agriculturas familiar e patronal é mais do que o dobro da média estadual observada por Guanziroli *et al.* (2001b), como mostram as Tabelas 03 e 04.

Tabela 03: Área média dos estabelecimentos familiares em Unaí/MG em ha

	TOTAL (hectares)
Média do Sudeste	30,00
Média de Unaí/MG	65,43

Tabela 04: Área média dos estabelecimentos patronais em Unaí/MG em ha

	TOTAL (hectares)
Média do Sudeste	223,00
Média de Unaí/MG	728,28

Observou-se também que os agricultores familiares de Unaí/MG têm mais a posse da terra (são os próprios donos) do que a média da Região Sudeste, como mostra a Tabela 05.

Tabela 05: Status do agricultor familiar junto a seu estabelecimento

	Proprietário	Arrendatário	Parceiro	Ocupante
REGIÃO				
Sudeste	85,7	4,1	5,2	5,0
Unaí/MG	93,1	4,3	1,1	1,5

Percebeu-se também que os agricultores familiares de Unaí/MG têm mais acesso à assistência técnica, à energia elétrica, adubos e corretivos, e faz mais conservação dos solos do que a média do Sudeste, como mostra a Tabela 06. É importante ressaltar que a pesquisa da FAO/INCRRA à qual esses dados estão sendo comparados, foi realizada em 1995/6 e que a presente pesquisa foi realizada em 2006/7.

Tabela 06: Comparação entre a agricultura familiar do Sudeste e de Unaí/MG quanto ao acesso à assistência técnica, energia elétrica, fertilização e correção do solo em (%)

	Utiliza assistência técnica	Possui energia elétrica	Usa adubos e corretivos	Faz conservação dos solos
Sudeste	22,7	56,2	60,6	24,3

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

Unaí/MG	35,8	86,2	75,4	58,1
---------	------	------	------	------

Esses foram os dados comparados com a pesquisa de Guazioli *et al.* (2001b). A partir do próximo tópico são comparados a agricultura familiar e patronal na cidade de Unaí/MG.

4.1 Nível cultural e escolaridade.

Em relação à escolaridade, percebe-se que a agricultura patronal teve mais acesso à escola do que a agricultura familiar, onde a maioria dos produtores familiares (52,7%) disse ter cursado apenas até a quarta série do ensino fundamental, enquanto que 36,1% dos patronais disseram ter cursado até esse nível. Pôde ser observado também que 23,9% dos agricultores patronais disseram ter feito curso superior, enquanto que apenas 6,9% dos familiares disseram ter esse nível de escolaridade.

Foi perguntado com qual freqüência o produtor utiliza a internet. Foi observado que os agricultores patronais possuem maior acesso a essa tecnologia (34,54%) do que os familiares (14,26%).

Quando perguntado se o produtor assina ou lê algum tipo de revista ou jornal, foi constatado que 63,21% dos agricultores patronais o fazem, contra 56,57% dos agricultores familiares.

Um dado interessante que pôde ser extraído foi quando perguntado aos produtores se nos últimos dois anos ele havia feito algum curso relacionado com a atividade rural. 23,4% dos agricultores familiares disseram que sim, contra 18,28% dos patronais. Pode-se perceber também que os agricultores familiares participam mais de outros grupos ou associações (54,49%) do que os patronais (44,2%).

4.2 Perfil gerencial

Para saber do nível gerencial dos produtores de Unaí/MG, primeiramente foi perguntado a eles o tempo que os mesmos já eram produtores rurais. Foi constatado que não houve grandes diferenças entre a agricultura familiar (82,5% disseram ser produtores rurais a mais de 10 anos) e os patronais (87,8%).

Quando perguntado ao produtor se o seu negócio rural permite que ele mantenha em dia seus compromissos financeiros, novamente não houve constatações de grandes diferenças entre esses dois segmentos. O interessante foi saber que os familiares (74,68%) conseguem manter em dia seus compromissos financeiros, mais do que os patronais (68,62%).

Foi perguntado ainda desde quando o produtor julga ter experiência com o meio rural, e a maioria dos produtores das agriculturas familiar e patronal disse ter sido desde criança, 79,91% e 85,74%, respectivamente.

Com relação à aplicação de novas tecnologias de produção na atividade rural, foi percebido que os agricultores patronais têm tendência a arriscar mais em novidades do



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



que os da familiar. Mas, observou-se que a familiar também arrisca em novidades, como mostra a Figura 03, a seguir.

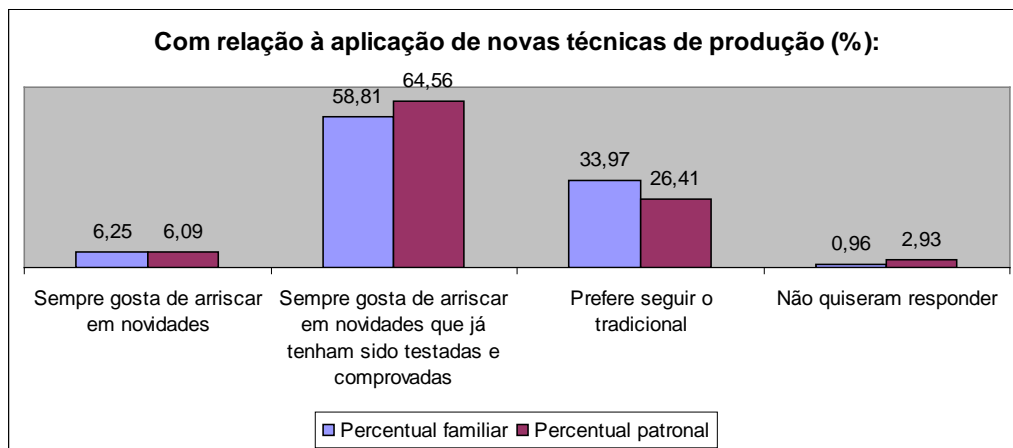


Figura 03: Capacidade do produtor à aceitação de novas técnicas de produção

Foi perguntado também se o agricultor planeja, por escrito, o seu negócio rural. 35,9% dos agricultores familiares disseram que sim, contra 44,47% dos patronais.

Quando perguntado se os produtores definem metas em seu planejamento, foi observado que na maioria dos casos tanto, na agricultura familiar (65,87%) quanto na patronal (68,4%), o planejamento ocorre apenas para o próximo ano.

Em relação à assistência técnica utilizada na propriedade foi constatado que 62,35% dos agricultores patronais utilizam esse serviço contra 35,8% dos familiares.

Ao questionar se o agricultor possui algum banco de dados relativo à parte administrativa e produtiva da propriedade, encontrou-se que 57,7% dos agricultores patronais possuem algum banco de dados, comparado com 44,24% dos familiares, que disseram possuir.

4.3 Administração familiar e processo sucessório

Quando perguntado quem da família dos agricultores familiares e patronais teria habilidade para conduzir o negócio rural em sua ausência, a maioria dos agricultores familiares (59,8%) e patronais (51,9%) disseram que seus filhos teriam essa habilidade. E, quando perguntado se a condução do seu negócio deveria continuar na sua família, a grande maioria dos representantes das agriculturas familiar (80%) e patronal (77,2%) disseram que sim.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



O interessante foi saber que a grande maioria dos agricultores familiares (52,4%) e patronais (57,8%) não tem nenhum filho que participam atualmente da atividade rural, indo de encontro ao problema do processo sucessório.

4.4 Relação de trabalho com os funcionários

Primeiramente, foi perguntado se o produtor possui funcionários na propriedade. Através da análise desta questão, foi constatado que os agricultores patronais empregam mais pessoas formalmente do que os familiares.

Percebe-se, através da análise dos dados, que os agricultores patronais (53,95%) são mais democráticos em seu relacionamento com seus funcionários do que os familiares (36,98%).

Outras conclusões obtidas sobre a relação de trabalho entre os agricultores e funcionários foi que os patronais fazem mais reuniões com seus funcionários e oferecem mais cursos de capacitação do que os familiares.

4.5 Utilização de recursos externos

Foi perguntado ao produtor se ele utiliza de recursos externos (empréstimos ou financiamentos) para investir em seu negócio rural. Observou-se que não houve grande diferença nos resultados encontrados, onde 55,3% dos patronais e 55,8% dos familiares disseram utilizar algum tipo de recurso externo para investir em seu negócio rural. Foi constatado também que a utilização de recursos externos por parte dos agricultores patronais se dá mais por meio de bancos e outras entidades financeiras. Já, quanto aos familiares, esses recursos externos são obtidos mais através das cooperativas ao qual são associados.

4.6 Estrutura ambiental

Foi necessário conhecer também a gestão ambiental dos agricultores, já que sua relação com o meio ambiente vai de encontro ao desenvolvimento sustentável que tanto tem-se ouvido falar.

Quando perguntado se o agricultor tira sua água de nascentes, observou-se que os agricultores patronais (43,79%) utilizam-se mais dessa prática do que os familiares (31,41%). Já, em relação à extração da água de lagoa/açude/barragem, observou que os patronais (83,17%) utilizam mais essa prática do que os familiares (69,53%).

Quanto à retirada de água do poço artesiano, foi interessante saber que os agricultores familiares (34,46%) utilizam mais dessa prática do que os patronais (32,28%).

Foi objetivo desse estudo saber também o que os produtores fazem com o lixo e dejetos que a propriedade produz. Quanto ao lixo doméstico, observou-se que os agricultores patronais parecem estar mais conscientes do que os familiares: 36,7% dos



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



famíliares disseram queimar o lixo, enquanto que 26,41% dos patronais disseram utilizar essa prática.

Já em relação aos dejetos da produção rural (esterco), 89,1% dos agricultores familiares disseram que o reaproveita em alguma atividade na fazenda, contra 76,3% dos patronais.

Em relação às embalagens de produtos tóxicos, os agricultores patronais parecem estar mais orientados à devolução dos mesmos aos postos de recebimento (73,3%) do que os familiares (68,3%).

E em relação ao lixo da produção de não-degradáveis da propriedade, foi constatado que 68,9% dos agricultores familiares e 55,8% dos patronais disseram utilizar essa prática. Isso parece ser um grande problema, já que essa prática prejudica muito o meio ambiente.

Algumas informações, relacionadas à gestão ambiental dos produtores, podem ser melhor visualizadas nas Figuras 04, 05, 06 e 07, a seguir.

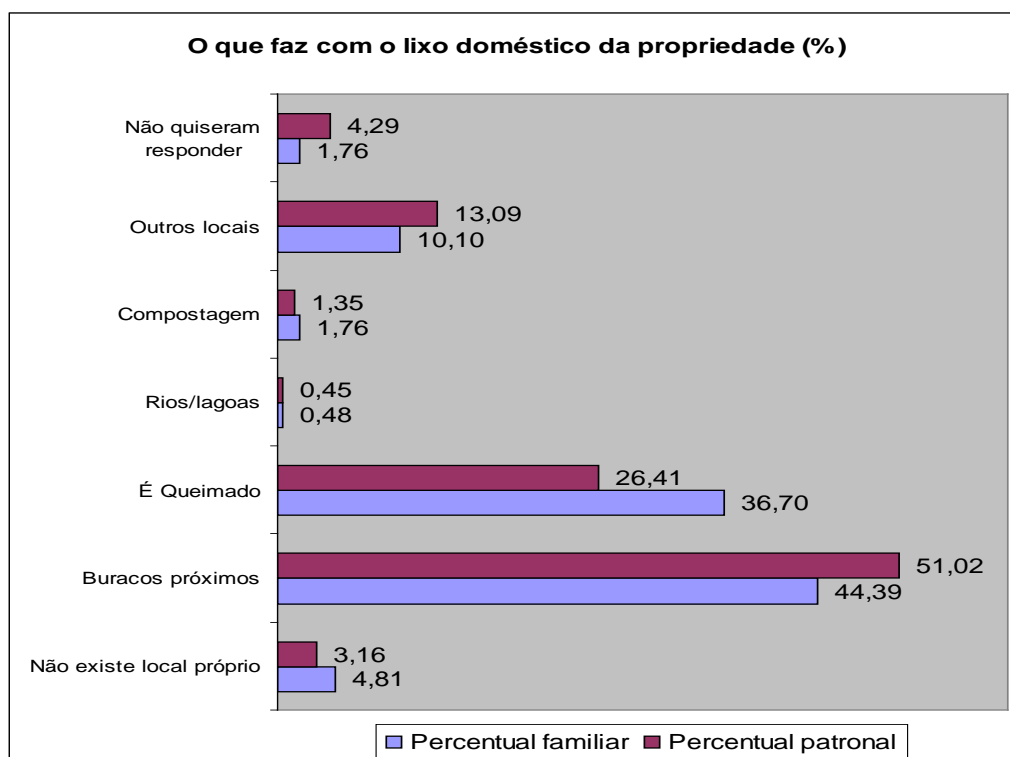


Figura 04: Destino dado ao lixo doméstico da propriedade

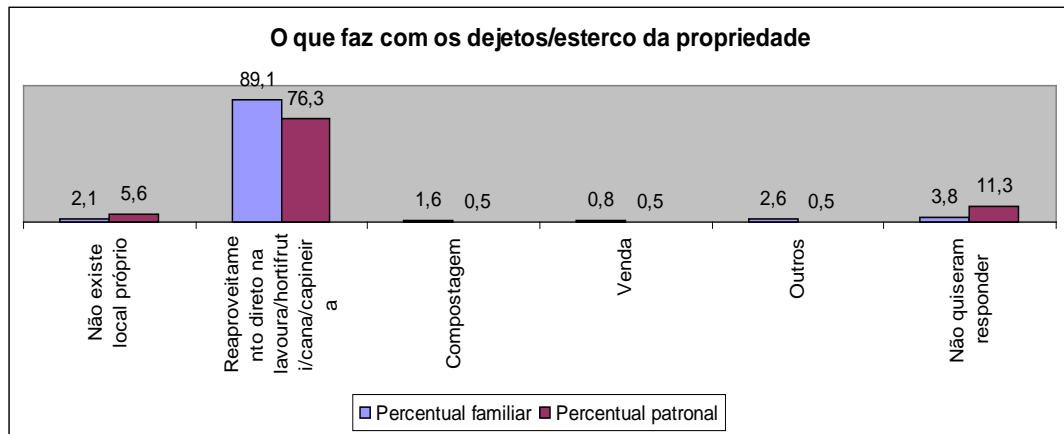


Figura 05: Destino dado aos dejetos da propriedade

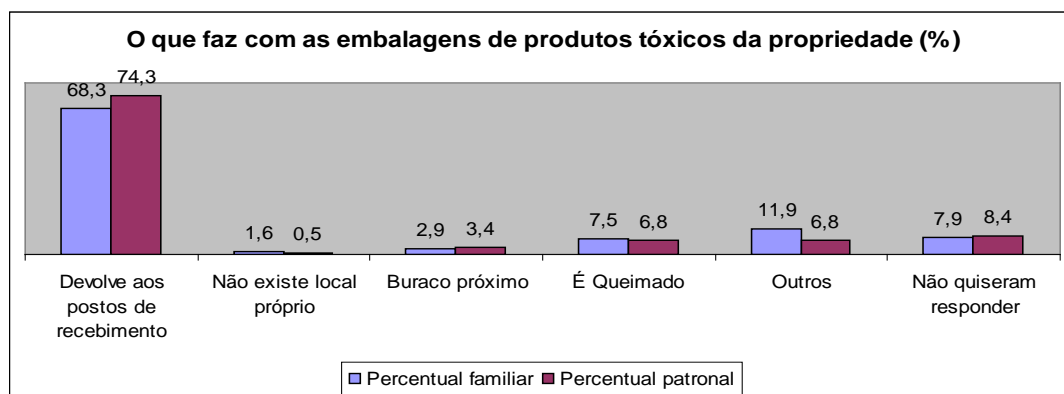


Figura 06: Destino dado às embalagens de agrotóxicos da propriedade

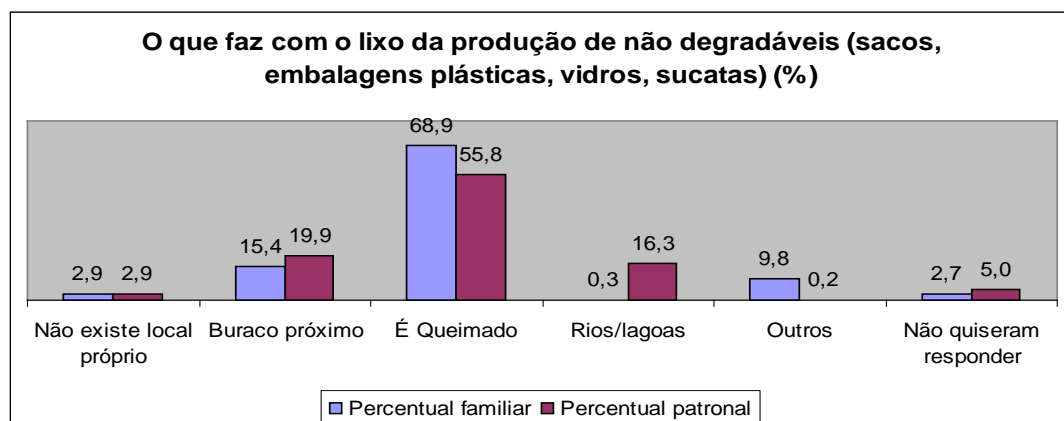


Figura 07: Destino dado às embalagens não degradáveis da propriedade



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Quanto à preservação do solo, foi constatado que 74,5% dos agricultores patronais fazem correção do solo, enquanto que 58,1% dos familiares o fazem; 60,27% dos patronais fazem curva de nível, enquanto que 39,74% dos familiares disseram fazer; e 29,8% dos agricultores patronais fazem plantio direto, contra 11,06% dos familiares.

5. CONCLUSÕES

Além do retrato atual da agricultura familiar e patronal em Unai/MG, realizado na presente pesquisa, foi objeto desse estudo fazer uma comparação dos dados coletados com o que está sendo falado por alguns autores que tratam desse tema.

A presente pesquisa mostrou que os agricultores familiares, conforme dito por Guanzioli *et al.* (2001a), tem capacidade para absorção de tecnologias que estão disponíveis no mercado. Esse dado vai de encontro a suas idéias, de que a agricultura familiar tem potencial para absorção de novas tecnologias.

O pensamento de Biswanger (*apud* GUANZIROLI, *et al.* 2001a) parece ser bastante pertinente quando analisado com a realidade de Unai/MG, uma vez que há relatos e também dados concretos de que a agricultura familiar oferece índices bastante favoráveis frente à agricultura patronal, e que essa poderia ter sido mais valorizada para uma melhor expansão e desenvolvimento no Município.

A presente pesquisa mostrou também que a agricultura familiar realmente consegue gerar uma renda líquida superior aos seus custos de oportunidade, sendo coerente com o que Guanzioli *et al.* (2001a) disseram. Isso pôde ser percebido quando feito um cruzamento de dados do faturamento médio mensal do agricultor familiar com o valor de seu patrimônio, sendo constatado que a renda que o negócio rural lhe proporciona é mais vantajosa do que se ele aplicasse seu dinheiro em uma caderneta de poupança, por exemplo.

Foi constatado também que a agricultura patronal parece estar mais consciente quanto a melhores práticas ambientais do que a familiar. Mesmo sendo levantadas apenas algumas variáveis sobre o meio ambiente, o que foi encontrado na presente pesquisa vai de encontro ao que Guanzioli *et al.* (2001a) e Bianchini (2005) defendem em seus textos, dizendo que a agricultura familiar estaria mais apta a ter maior desenvolvimento sustentável frente à patronal. Mesmo assim os dados aqui encontrados não nos permitem dizer com exatidão se a agricultura patronal está mais apta ao desenvolvimento sustentável do que a familiar, mesmo porque não foram levantadas outras variáveis que dariam maior sustentação a essa afirmativa.

Quando Guanzioli *et al.* (2001a) dizem da importância de se dar apoio creditício e assistência técnica aos produtores, é interessante ressaltar nesse trabalho, mesmo sabendo que todos os produtores são associados de uma Cooperativa Agropecuária, que os agricultores familiares utilizam mais de recursos externos do que os patronais. Vale ressaltar que a pergunta foi feita apenas para saber se utilizam ou não de recursos externos.

Um assunto abordado por Wanderley (1999) sobre como se dá a administração familiar pôde ser contrastada na presente pesquisa, onde percebeu-se que o processo sucessório não está ocorrendo conforme os agricultores desejam, de uma forma que



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



garantissem a reprodução dos conhecimentos e práticas no campo das gerações futuras, já que a maioria dos agricultores familiares e patronais disseram não ter filhos que participam da atividade rural, e quando perguntados quem de sua família teria habilidade para conduzir o seu negócio, e quem eles gostariam que dessem sequência à sua atividade rural, a maioria disseram ser seus filhos.

Pôde ser constatado na pesquisa que os princípios gerais de funcionamento interno da agricultura familiar se distinguem da produção capitalista, conforme dito por Chayanov *apud* Nazareth (1989). Considerando que a maior diferença entre a agricultura familiar e a patronal encontrada na pesquisa, foi quanto à gestão da propriedade dos agricultores familiares e patronais, levando em consideração que a agricultura patronal é mais voltada para o capitalismo do que a familiar.

Segundo Schneider (2005), a pluriatividade pode ser observada com maior proeminência entre os agricultores familiares. A afirmação desse autor é pertinente ao que foi encontrado nesse estudo, já que quando perguntado aos agricultores familiares e patronais se eles tinham alguma atividade que não somente a agrícola, 68,73% dos agricultores familiares contra 34,45% dos patronais disseram que sim.

Um dos autores que se mostra preocupado com a concentração de terras no Brasil é Sérgio Buarque de Holanda, criticando esse em detrimento de um melhor desenvolvimento. Nesse trabalho, foi observado que também há concentração de terras em Unaí, uma vez que a área média dos agricultores patronais foi bem maior do que a média estadual, podendo ter sido esse um fator crítico para o desenvolvimento do Município e da Região de influência.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordante com Nazareth (1989), a agricultura familiar está longe de ser fadada ao desaparecimento, devendo para isso absorver e realizar progressos. Assim sendo, observou-se que a agricultura familiar na região de Unaí/MG possui características que ajudam na absorção desse progresso técnico, além de que é uma atividade extremamente importante para a economia da cidade.

Sugere-se que novos estudos sejam feitos para um melhor entendimento do que está acontecendo no interior da agricultura familiar e patronal, o qual forneceria informações importantes para que políticas públicas locais e nacionais pudessem ser criadas com o intuito de uma maior equidade entre esses dois segmentos da agricultura, que tanto são importantes para o país.

7. REFERÊNCIAS

BIANCHINI, V. Políticas Diferenciadas para a Agricultura Familiar: em busca do desenvolvimento rural sustentável. In: BOTELHO FILHO, Flávio Borges (org). **Agricultura Familiar e desenvolvimento territorial – contribuições ao debate**. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares, Núcleo de Estudos Avançados. V.5, n. 17, 2005, p.82 a 98.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



GUANZIROLI, C.(a); ROMEIRO, A.; BUAINAIN, A.M.; SABBATO, A.D.; BITTENCOURT, G. **Desenvolvimento com equidade e agricultura familiar**. In: GUANZIROLI, C. Agricultura Familiar e Reforma Agrária no século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, p.15-26, 2001.

_____. (b). **Perfil da agricultura familiar no Brasil**. In: GUANZIROLI, C. Agricultura Familiar e Reforma Agrária no Século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2001, p.46-76.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MINAS EM REVISTA. **Revista de Integração Regional e Estadual**, Unaí/MG: n.6, p. 24-26, jan. 2004.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade e o desenvolvimento rural brasileiro. In: BOTELHO FILHO, F.B. (org.). **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial – contribuições ao debate**. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares, Núcleo de Estudos Avançados. V.5, n.17, 2005, p. 23 a 42.

WANDERLEY, M.N.B. Raízes Históricas do Camponato Brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos (org.). **Agricultura Familiar - Realidades e Perspectivas**. 2ª ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. Cap. 1, p. 21-55.

_____. **Em Busca da modernidade social. Uma homenagem a Alexander V. Chayanov**. Unicamp, Departamento de Ciências Sociais, 1989, mimeo.